



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**HUGO MATHEUS RODRIGUES DE LIMA**

**REFLEXÃO SOBRE HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES NA OBRA O  
*AVESSO DA PELE* (2020)**

**GUARABIRA-PB  
JULHO/2022**

**HUGO MATHEUS RODRIGUES DE LIMA**

**REFLEXÃO SOBRE HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES NA OBRA O  
*AVESSO DA PELE* (2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**GUARABIRA-PB  
JULHO/2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L152r Lima, Hugo Matheus Rodrigues de.  
Reflexão sobre homens negros e masculinidades na obra  
O Averso da Pele (2020) [manuscrito] / Hugo Matheus  
Rodrigues de Lima. - 2022.  
29 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,  
Departamento de História - CH."

1. Masculinidades negras. 2. Brasil. 3. Racismo. 4.  
Patriarcado . I. Título

21. ed. CDD 305.31

**HUGO MATHEUS RODRIGUES DE LIMA**

**REFLEXÃO SOBRE HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES NA OBRA O  
AVESSO DA PELE ( 2020 )**

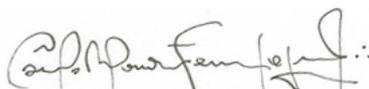
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Aprovado em: 20/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DL)



Prof. Dr. Cristiano Luiz Cristilino (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)

## SUMÁRIO

|   |  |    |
|---|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO.....  | 11 |
| 2 | MASCULINIDADES NEGRAS NO CENTRO DA ENCRUZILHADA.....   | 13 |
| 3 | REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS COMUNS DE HOMENS NEGROS.. | 18 |
| 4 | ENTENDENDO O BRASIL PELO CRITÉRIO RACIAL.....          | 20 |
| 5 | O QUE SÃO MASCULINIDADES NEGRAS ?.....                 | 22 |
| 6 | PELO FIM DO PACTO COM O PATRIARCADO.....               | 27 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                              | 29 |
|   | REFERÊNCIAS.....                                       | 30 |

## AGRADECIMENTOS

### LORAYÊ EXÚ!

Agradeço ao Orixá Exu pela minha vida e de todos (as) os (as) meus/minhas. Obrigado por estar comigo e meus ancestrais nas porteiras e nos caminhos da vida, por trazer o axé para nós. Que o Senhor seja meu amigo e eu seja amigo do Senhor.

**Mo dúpê** a todo Sagrado que está comigo. **Mo dúpê** a Orí, Orixás, Voduns, Nkisi e todos encantados que me acompanharam nas minhas jornadas. Que eu nunca lhes seja ingrato e que nunca parem de abençoar a mim e aos/as meus/minhas. **Axé!**

Obrigado a Alexandra da Conceição Rodrigues de Lima, minha mãe, por ter me dado a vida, me incentivado nos estudos, por ter me proporcionado o seu máximo possível. Que nossos ancestrais e os encantados cuidem da senhora onde quer que esteja. Para sempre será minha Mãe. E foi com as mãos molhadas pelas minhas lágrimas que escrevi esses agradecimentos à senhora. É a primeira vez que choro por sua passagem ao Orun, em quase um mês de sua morte. Choro escutando uma música sobre Mamãe Oxum. **Ye Ye ooo! Osun! Senhora da Matrigestão! Ialodê! Senhora da Matripotência! Mãe de meus ancestrais! Senhora das Águas Doces e do Amor! Axé!**

Obrigado ao meu pai, Sérgio Lourenço de Lima, pela benção da minha vida e de meu irmão, por tudo que fez e faz por nossa família. **Axé meu pai para o Senhor.** Que os Oborós o abençoem com uma vida longa, feliz, saudável e próspera.

A Fátima de Lourdes e João Guerra, Joana Martins e Severino Lourenço, meus avós obrigado. Obrigado a meus ancestrais. Obrigado a Tia Nena, primeira pessoa da família a graduar-se que temos conhecimento, mulher negra psicóloga do Hospital Universitário em João Pessoa. Obrigado a Tia Socorro, segunda pessoa da família que temos conhecimento a graduar-se, mulher negra formada em História que chegou a ser diretora de escola e muito mais.

Obrigado as minhas inúmeras Tias, as várias pessoas especiais que foram lyá em algum momento da minha vida de formas e em tempos específicas, em sua extensa maioria pessoas negras.

Agradeço a Tia Quinha, Tia Tonha, Tia Nilda, Magna, Madrinha Sandra, Isolda, Gerusa, Cláudia, por suas contribuições em minhas existências, por me abençoar cada uma a sua forma.

Contudo, especialmente não posso deixar de agradecer a minhas Tias Rozeane Soares e Verônica Martins, pelo dom da vida, se não fossem elas, acredito que nem eu e nem meu pai e meu irmão ainda estaríamos vivos. Mães Ancestrais abençoem todas as pessoas que foram Iyá na minha vida. **Mo dúpé às Mães Pássaro! Axé as Mães!**

Agradeço a todos (as) meus/minhas amigos (as) e colegas por terem estado comigo. Wagner Martins, Amanda, Silmara, Janiele, Daniel, Eduardo, Eduarda, Rodrigo, Maria Eduarda (Duda), Betinho, Jéferson, Rilane, Helton, Guia, Gabriel, Joalison, Elizangela, Uilma, Lourdimaria (Mara), Paulinha, Iasmin, Cinthya, Thiago, Norbert, Luana, obrigado pelos momentos especiais, por tudo que me ajudaram cada um à sua maneira. Vocês fazem parte da minha vida que desejo que nunca se apague.

A Rawanne Cândido eu não agradeço como amiga, agradeço como irmã. Se tem alguém que me influenciou a ser quem eu sou hoje foi você. Nós juntos somos confluências de águas salgadas que ao chocarem-se trazem certa doçura. Que Exu e Ogum abram seus caminhos! Que Yemanjá refresque seu Orí! Obaluaiyê Ihe dê saúde! Oxum Ihe livre com suas águas da morte não natural! E seus ancestrais a abençoe à medida que você as (os) honra e respeita! Você é uma irmã que as (os) ancestrais me deram, e espero que um dia seja um ótima tia para meus/minhas futuros (as) filhos (as). **Axé irmã!**

Agradeço a Benalda, psicóloga que me acompanha. Obrigado pelos direcionamentos para um desaguar sadio das águas do meu Orí. A Leandro pelas caronas e auxílios. E todos (as) os (as) imemoráveis que não estão especificamente aqui, porém que contribuíram para eu ser quem eu me torno agora.

Agradeço a Professora Susel pelas contribuições e parcerias, ao Professor Carlos Adriano pelas conversas, caronas e apoios, por me fazer sentir inteligente etc, assim como agradeço a todos(as) profissionais da Universidade Estadual da Paraíba, a CNPQ e à CAPES pelo tempo que fui bolsista, isso me auxiliou muito ao longo dos anos.

Por último quero agradecer ao meu Professor e Orientador Waldeci Ferreira

Chagas, alguém que admiro e reflito com pesar o fato de não ter passado mais tempo em seus grupos de estudo e extensões para aprender mais com o senhor. O senhor foi quem acolheu minha turma no primeiro dia de aula, e é hoje o professor que me orienta no meu adeus momentâneo ao Campus III. Obrigado pela paciência e incentivo, que possamos nos encontrar muito pela vida, e que eu aprenda ainda muito com o senhor. Que os Orixás lhe abençoem. Axé!

“Ofereço-te Exu o ebó das minhas palavras.”  
(NASCIMENTO, 1981)

# REFLEXÃO SOBRE HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES NA OBRA O AVESSO DA PELE ( 2020 )

Hugo Matheus Rodrigues de Lima<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a complexidade das experiências de homens negros na diáspora brasileira representada na obra “O Averso da Pele”, do escritor Jeferson Tenório. A obra selecionada apresenta uma narrativa sobre Henrique, homem negro professor de literatura da rede pública numa cidade do sul do Brasil, assassinado pela polícia em uma abordagem policial racista, sob perspectiva de seu filho Pedro. São levadas em consideração particularidades da literatura produzida por pessoas negras brasileiras comprometidas com a libertação das populações negras de representações racistas que auxiliam a manutenção do lugar social de subalternidade que esses povos são mantidos. Textos de diversos (as) pesquisadores (as) de diferentes diásporas africanas são visitados (as) para auxílio da construção teórica sobre a construção da identidade de homens negros no Brasil, de forma proposital, na intenção do reconhecimento da contribuição desses (as) pesquisadores (as) para o desenvolvimento de epistemologias libertárias. Portanto, compreende-se que homens negros. Como Henrique e Pedro, tem suas masculinidades calcadas na masculinidade hegemônica, porém sem deixar de apresentar particularidades e pluralidades, e que o caminho para uma vivência saudável consigo e em sociedade é o fim do pacto com o patriarcado e a construção de modos de vida baseados em suas próprias culturas.

**Palavras-chave:** Masculinidades negras. Brasil. Racismo. Patriarcado

---

<sup>1</sup> Hugo Matheus Rodrigues de Lima – Estudante da Graduação de licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: [hugo.lima@aluno.uepb.edu.br](mailto:hugo.lima@aluno.uepb.edu.br)

## **Reflection on black men and masculinities in the work *O Avesso da Pele* (2020)**

### **ABSTRACT**

The objective of this research is to analyze the complexity of the experiences of black men in the Brazilian diaspora represented in the work *O Avesso da Pele*, by writer Jeferson Tenório. The selected work presents a narrative about Henrique, a black man, a professor of literature in the public system in southern Brazil, murdered by the police in a racist police approach, from the perspective of his son Pedro. Particularities of the literature produced by Brazilian black people committed to the liberation of black populations from racist representations that help to maintain the social place of subalternity that these people continue in are taken into account. Texts by several researchers from different African diasporas are visited to help with the theoretical construction on the raising of the identity of black men in Brazil, consciously to recognize the contribution of these researchers to developing libertarian epistemologies. Therefore, it is understood that black men such as Henrique and Pedro have their masculinities based on hegemonic masculinity, but without ceasing to present particularities and pluralities and that the way to a healthy experience with themselves and in society is the end of the pact with patriarchy and the construction of lifestyles based on their own cultures.

**Keywords:** Black masculinities. Brazil. Racism. Patriarchy

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha da obra *O Averso da Pele* para análise não foi sem um motivo específico. Estava a procura de escritos que permitissem uma abordagem ampla das experiências em comum de homens negros brasileiros de preferência elaborados por indivíduos que pertencessem a esse grupo social específico.

Masculinidades Negras é um campo de estudos não tão amplo quanto os que debatem as construções sociais, representações e vivências de mulheres negras, porém ao longo dos anos tem-se expandido graças aos esforços de pessoas negras também nos debates decoloniais.

Nos últimos anos, peças de teatro como o espetáculo *Oboró Masculinidades Negras* apresentada no Festival Feira Preta 2020 com texto de Adalberto Neto, e a direção de Rodrigo França, grupos de conversa e estudos de homens negros debatendo masculinidades, lançamentos de livros nacionais e tradução de livros e filmes internacionais sobre o tema, músicas de cantores como Thiago Elniño, Baco Exu do Blues, Emicida etc, tem fomentado o debate sobre as experiências de homens negros em um país racista e eurocêntrico como o Brasil que já existe desde Abdias Nascimento, Rolf Ribeiro de Souza e tantos (as) outros (as).

*O Averso da Pele* de Jeferson Tenório entra para o grupo de referências para reflexão das realidades de homens negros no Brasil ao construir o enredo de Henrique, um homem negro comum, que foi assassinado pela polícia em uma abordagem policial racista no meio da rua. Após o assassinato de Henrique, seu filho Pedro, ao deparar-se com as coisas de seu pai, começa a narrar às histórias de seus pais, e também um pouco das suas.

Na leitura da obra escolhi analisar os relatos de Pedro sobre Henrique, pois são os que são mais frequentes, e os que dão mais margens para reflexão a partir do tema proposto no trabalho, o das masculinidades negras.

Como Henrique sai do Rio de Janeiro ainda criança e chega a Porto Alegre, as festas que ia com seu amigo na juventude, suas experiências amorosas e sexuais, a relação com seus familiares, sua vida como professor de literatura da rede pública, paternidade, separações da mãe de Pedro, a Marta, suas dúvidas sobre a vida, medos, ensinamentos, alegrias, tudo isso e muito mais é exposto no livro, por

isso apenas algumas partes serão escolhidas para análise.

Para a construção da análise das partes selecionadas foram utilizados escritos de pessoas negras que analisam e refletem com intuitos libertários as realidades de pessoas negras. Em um espírito pan-africanista<sup>2</sup>, trago para a encruzilhada discursiva, ponto de confluência de narrativas. No primeiro tópico recorro a mestra em filosofia, Djamila Ribeiro para debater lugar de fala e o escritor Cuti sobre as particularidades das escritas de pessoas negras no Brasil alinhados com suas estéticas próprias.

No segundo tópico, trago uma reflexão como homens negros são percebidos dentro de um país racista e eurocêntrico como o Brasil, e recorro ao auxílio da doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, Mulheres e Feminismo, Carla Akotirene, e da doutora em Sociologia, a nigeriana da etnia iorubá, Oyèrónké Oyèwùmí, para compreender a criação de indivíduos negros como outros a partir da cosmovisão eurocentrica. Também recorro ao antropólogo Rolf Malungo de Souza, e ao mestre e doutor em Direito Constitucional Comparado Adilson Moreira sobre a construção da imagem de homens negros.

No tópico seguinte, invoco os (as) mais velhos (as), a ancestralidade analítica antirracista do Brasil, especificamente a antropóloga Lélia Gonzalez, o artista, professor, ex-deputado e ex-senador Abdias Nascimento, assim como os mais novos, nas pessoas de Silvio Almeida, que é doutor e pós-doutor em Direito. Henrique Restier, graduado em Ciências Sociais, mestre em Relações Étnico-Raciais e Doutor em Sociologia, para descortinar o mito da democracia racial no Brasil e qual papel o homem negro tem dentro dessa lógica colonialista e genocida.

No quarto tópico, apresento uma rápida reflexão utilizando os escritos da psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza e o mestre em psicologia Lucas Veiga sobre as relações de homens negros com a masculinidade hegemônica. penúltimo Busco também no psiquiatra martinicano Frantz Fanon respostas para compreender melhor as vivências de homens negros.

---

<sup>2</sup> As palavras de Abdias Nascimento serão de grande auxílio para compreensão do que apresento como pan-africanismo. “Falo das culturas africanas e das culturas negras, quer dizer, culturas dos africanos e de seus descendentes na diáspora; as destes últimos podem ou não ser inteiramente africanas, porém são típicas das comunidades negras em seus respectivos países. E são todas essas culturas, com suas nuances características escolhidas criticamente para constituir uma unidade libertadora e progressista, que suportam e estruturam a cultura pan-africana.” (NASCIMENTO, 2019, p65)

No último tópico, procuro na professora e escritora estadunidense bell hooks<sup>3</sup> meios para construção de masculinidades negras saudáveis, que não alimentam a lógica colonialista.

## **2 MASCULINIDADES NEGRAS NO CENTRO DA ENCRUZILHADA**

A encruzilhada em questão é formada basicamente pelas experiências de Jeferson Tenório (autor), Pedro (narrador), Henrique (personagem principal) e as minhas como leitor, pesquisador e autor do TCC. Nesse sentido o que nos aproxima são as masculinidades negras, ponto de confluências das experiências, compreendendo a impossibilidade de neutralidade das narrativas.

Colocar as masculinidades negras no centro da análise significa compreender que as realidades e experiências sociais de homens negros são constituídas pela intersecção raça-gênero. Compreendendo esse ponto fica mais fácil entender que todos os homens negros compartilham experiências comuns, num país racista e eurocêntrico como o Brasil, por mais que haja particularidades dos indivíduos a partir das outras identidades que se cruzam com raça-gênero, como classe, sexualidade, territorialidade, idade, religião etc, como aponta Ribeiro (2019) ao escrever sobre lugar de fala fundamentada nos estudos de Patrícia Hill Collins.

E, mesmo sobre indivíduos do mesmo grupo, Collins salienta que ocupar localização comum em relações de poder hierárquicas não implica em se ter as mesmas experiências, porque a autora não nega a dimensão individual. Todavia, aponta para o fato de que justamente por ocuparem a mesma localização social, esses indivíduos igualmente compartilham experiências nessas relações de poder. E seriam essas experiências comuns aos objetivos de análise. (RIBEIRO, 2019, p 64)

Jeferson Tenório é um homem negro, que escreve sobre um homem negro, no caso Pedro, que narra as histórias de seu pai Henrique, que também é um homem negro. Todos eles residem no Sul do Brasil onde se desenrola a trama. Jefferson Tenório se utiliza do seu lugar de fala para fazer com que as pessoas que leiam sua obra percebam as experiências das pessoas negras no Brasil, especificamente as da região sul.

---

<sup>3</sup> O nome e sobrenome de bell hooks terão suas iniciais escritas em minúsculo por respeito a escolha e posicionamento da própria escritora que o quis assim.

Logo, são narradas as experiências comuns desses indivíduos negros que vivem numa sociedade eurocêntrica e racista, que os formam enquanto grupo específico, e uma coletividade.

Nesse sentido, a categoria territorialidade também é essencial para a análise, pois a localização geográfica no território brasileiro demonstra as diferentes realidades das populações negras construídas historicamente, ainda que todas sofram com o racismo estrutural.

A territorialidade influencia no colorismo; condição que assegura acesso à serviços como saúde, lazer, moradia e educação, vivência de religiões de matriz africana, luta pelos direitos de mulheres negras, saúde mental de policiais, entre outros temas presentes também no livro. De acordo com o site da Prefeitura de Porto Alegre (2017), 79.2% da população é de pessoa branca, 20.2% é negra e apenas 0.23% é indígena.

Por sua produção literária, Jefferson Tenório recebeu o maior Prêmio de Literatura Brasileira, o Jabuti de melhor romance literário, e em 2021 foi escolhido patrono da Feira Literária de Porto Alegre, tornou-se o primeiro patrono negro desse evento literário. Em 2022 desfilou no Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis no desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, cujo tema foi “Empretecendo o Pensamento”.

Tenório desfilou na Sapucaí ao lado de outros (as) ícones negros (as) do Brasil como Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Katiuscia Ribeiro, Babá Rodney de Oxóssi, Djamila Ribeiro, Aza Njeri, Rodrigo França, Teresa Cristina, Winnie Bueno etc. Essa ala ergueu a voz sobre a importância da intelectualidade das populações negras, do Kemet até a atualidade, e os integrantes cantaram o refrão: “Nossa gente preta tem feitiço na palavra” sou o Brasil que não se cala!!”.

A existência da ficção na obra “O Avesso da Pele” não significa neutralidade já que a ficção é intrinsecamente atravessada pelas experiências do autor; um homem negro cisgênero que se muda do Rio de Janeiro para Porto Alegre ainda novo e como professor de literatura, passou pelo sistema público de ensino, o que coincide com a construção do personagem Henrique. Na narrativa quando escreve sobre Henrique, Jefferson Tenório transpassa a personagem diretamente com base nas suas próprias vivências. Sobre a relação escritor versus personagem, o escritor brasileiro Cuti afirma que:

O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memórias do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais (CUTI, 2010, p 89).

O *Averso da Pele* é o desaguar não apenas daquilo que os olhos de Jeferson Tenório capturaram e preencheram com sua criatividade, também não foi algo que ele criou e desenvolveu só por ouvir dizer para poder elaborar, mas construiu a narrativa com base naquilo que viveu com todos os sentidos da sua existência. Foi da confluência dos sentidos, dos seus afetos que Jeferson Tenório percebeu o universo a sua volta e desaguou tudo isso no papel. Assim como seus personagens são complexos e demonstram características físicas, psíquicas, emocionais, espirituais etc ao longo de seus desenvolvimentos, o autor também é complexo, o que faz com que a experiência do autor e das personagens se entrecruze. Isso implica dizer que:

A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negros-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado (CUTI, 2010, p 13).

Pedro, o narrador-personagem da obra, ao remontar as experiências de seu pai projeta sentimentos, noções, pensamentos e justificativas, utilizando como ferramentas suas próprias experiências e análises, já que ao longo de toda obra a perspectiva dos fatos é a sua. A narrativa transcorre através do elo do filho com o pai, é atravessada diretamente pelos locais sociais que cada um habita. Por estarem no centro da mesma encruzilhada interseccional das identidades criadas pelo Ocidente para defini-los, Pedro, o narrador-personagem, descreve as experiências de seu pai de forma a não sair das bases da realidade vivenciada por homens negros cisgênero heterossexuais e residente na região sul do Brasil.

Portanto, a obra literária não apresenta apenas de maneira profunda o enredo com base nas vivências do personagem Henrique, mas ao mesmo tempo os sentimentos, questionamentos, ideias e demandas específicas de Pedro, conforme enunciado no trecho abaixo.

Eu precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não

estou reconstruindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstruindo esta história para mim. Preciso arrancar tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida. Para isso, não me limito ao que vocês me contaram, nem ao que estes objetos me dizem sobre você. Não acho que devemos lidar apenas com a lógica dos fatos. Prefiro uma verdade inventada, capaz de me pôr de pé. Eu sei que esta história pode estar na minha cabeça, mas é ela que me salva (TENÓRIO, 2020, p 183).

Inserido nessa encruzilhada, cujo centro são as masculinidades negras, também não sou neutro nesse exercício de escrita, e nem tão pouco busco o ser, alinho-me a uma postura presente nas produções de intelectuais negros (as) que desenvolveram saberes capazes de contribuir com a libertação dos povos negros, a exemplo de Abdias Nascimento. Na introdução da sua obra *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*, publicado em 1978 esse intelectual afirma que:

Nem está o autor deste interessado no exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade (NASCIMENTO, 1978, p 41).

Nessa perspectiva ainda são pertinentes às considerações do martinicano Frantz Fanon, o que faz com que ele faça parte do grupo que compõem a ancestralidade acadêmica a qual me alinho, quando na obra *“Pele Negra, Máscaras Brancas”*, escreve:

Eu me dediquei, neste estudo a abordar a miséria do negro. Tátil e afetivamente. Não quis ser objetivo. Aliás, a verdade é: não me foi possível ser objetivo (FANON, 2020, p 101).

Congratulo-me com as considerações de Florentina da Silva Souza quando em sua obra *“Afrodescendencia em Cadernos Negros e o Jornal do MNU”* escreve:

O outro dilema é de ordem estilística e também contraria as normas da praxe acadêmica, estando relacionado a impossibilidade de colocar-me no lugar distanciado de pesquisador objetivo. Neste obstante as amarras da formação acadêmica, sujeito e objeto de discurso se confundem e ocupam o mesmo lugar, tornando-se os dois “uma só carne”. (SOUZA, 2005, p 12)

Considerar a importância das masculinidades negras como espaço social para o desenvolvimento de narrativas sobre outros homens negros não é cair no essencialismo de que pessoas negras só possam escrever e teorizar sobre suas próprias vivências, mas significa que ao fazerem isso não são neutras, ou seja, criam narrativas a partir de realidades vivenciadas em primeira pessoa, assim como todas as outras pessoas que escrevem, inclusive os homens acadêmicos brancos, que defendem a neutralidade.

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravagista, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar o lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. (RIBEIRO, 2019, p 85).

É importante o reconhecimento das múltiplas narrativas desenvolvidas por pessoas negras, assim como de todos os povos não brancos, principalmente quando estão comprometidos com as lutas contra todos os sistemas de opressão, pois são instrumentos analíticos não hegemônicos de outras realidades que são escondidas a céu aberto pelo sistema Ocidental branco capitalista cisheteropatriarcal cristão<sup>4</sup>.

Narrativas não hegemônicas de povos não brancos auxiliam na construção de uma sociedade antidiscriminatória e verdadeiramente democrática e impedem projetos políticos colonialistas. "Pensamos num lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia Social" (RIBEIRO, 2019, p 64).

---

<sup>4</sup> Ao citar os marcadores de identidade que compõem grupos e indivíduos ao decorrer do trabalho, não será utilizada a vírgula para separação das identidades de maneira proposital, para deixar ainda mais explícito a inseparabilidade das identidades que compõem grupos sociais e seus indivíduos.

Lembremos que a Academia Brasileira de Letras mesmo fundada por um homem negro, Machado de Assis, em 1897, só teve a presença de outros homens negros em 2006 com a eleição de Domicio Proença Filho e no ano de 2022 com a eleição de Gilberto Gil. Nunca houve na história da Academia Brasileira de Letras uma mulher negra, ou qualquer pessoa indígena. A escritora Conceição Evaristo candidatou-se em 2018, mas não foi eleita, assim como o escritor indígena Daniel Munduruku que se candidatou em 2021.

Esses fatos não são isolados do fazer da Academia Brasileira de Letras, e do que essa instituição representa na produção do universo intelectual brasileiro, qual seja, representa a manutenção de narrativas produzidas pela branquitude intelectual brasileira.

Logo, pessoas negras e indígenas ao escrever inventam suas próprias histórias, e assim cortam as amarras da colonialidade, incomoda e desestabiliza as narrativas cristalizadas do mito da democracia racial, que tem em Gilberto Freyre seu principal arauto.

### **3 REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COMUNS DE HOMENS NEGROS**

O que é ser homem negro? É um ser indesejável. Imagine só viver em um mundo que é orquestrado para o seu desaparecimento. É inegável que todas as experiências de Henrique narradas por Pedro, são transpassadas pelo fato dele ser um homem negro da diáspora brasileira.

Homens negros são vistos frequentemente como corpo-sexo. Rolf (2009) já denunciava que o homem negro é percebido como quem tem sexo para oferecer e não sexualidade, e isso é um traço do processo de zoomorfização desse grupo específico. “A alegada potencia do homem negro sugere que ele é uma besta sexual, sendo então um parceiro inadequado” (MOREIRA, 2019, p 88).

O homem negro interpretado como corpo-trabalho, trabalho braçal por que não são considerados inteligentes para serviços intelectuais. “Além de ter um pênis racializado, a inteligência dos homens negros foi avaliada pelos europeus na proporção inversa do tamanho do seu pênis.” (ROLF, 2009, p 100) e também são interpretados como corpo-perigo, pelo estereótipo de bandido, violento, viciado, degenerado, mas também do perigo de uma resistência contra o poder branco.

A palavra corpo presente nessas categorias apresentadas representam a

dicotomia corpo versus mente e corpo versus espírito produzido pelo Ocidente. Se homens negros são constantemente representados por características físicas, lhes é negado à mente e o espírito livre. “Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” (HOOKS, 2019, p 30).

“A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão” (OYĚWÙMÍ, 2021, p 28). É justamente na primazia da visão e nas narrativas produzidas através dela que o perigo habita. Através da leitura dos textos de Oyěwùmí (2021), Akotirene (2019) afirma que “a única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos outros” (AKOTIRENE, 2019, p 24).

Como seu estômago sensível, o abandono do terreiro de Candomblé, a paralisia diante de quaisquer violências, fobia de dor que fez desenvolver o hábito de fugir delas mesmo acostumando-se a senti-las, a maneira que interpretava o amor e que vivia seus relacionamentos amorosos, sua não desistência da sala de aula mesmo acreditando nunca ter inspirado nenhum estudante, como se relacionava com a paternidade etc. Tudo isso são fragmentos físicos, psíquicos, espirituais, afetivos, sociais, sensoriais que constituem quem Henrique é, não apenas em relação a si mesmo, mas em contato com o mundo à sua volta.

O personagem Henrique no enredo não é só um corpo negro que foi tombado ao chão pelo racismo policial, ele também é um homem que tinha fé em Ogum, que não queria abandonar seu filho quando ele nasceu porque também foi abandonado pelo seu pai quando tinha um ano, alguém que lutou para se formar no ensino superior, alguém que amou suas companheiras, e que foi amado, alguém também que cansou, que chorou e que riu. Era filho, irmão, pai, tio, professor, companheiro, amante, amigo etc. Henrique era tão plural quanto qualquer pessoa, ele é uma pessoa humana.

Quando pessoas negras tomam o controle de suas narrativas como Jeferson Tenório fez, as esferas humanas são apresentadas eficazmente já que “os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira” (CUTI, 2010, p 87).

Porque o que ocorre regularmente é a projeção de um imaginário racista sobre as narrativas de pessoas negras com o intuito de manutenção do lugar do

negro na historiografia brasileira e na criação de narrativas sobre suas próprias vidas.

Lugar do negro para Lélia Gonzalez (1982) é o da marginalização como realidade natural e imutável, e Jeferson Tenório rompe com esse lugar ao trazer os labirintos emocionais de um homem negro comum, ou seja, ferramentas para se compreender homens negros e as questões raciais no Brasil de dentro para fora.

#### **4 ENTENDENDO O BRASIL PELO CRITÉRIO RACIAL**

A obra *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, auxilia o/a leitor/a compreender a sociedade pela perspectiva de um homem negro cisgênero, e assim fugir da normalidade dos discursos que não debatem as estrutura da sociedade brasileira calcada em privilégios para as populações brancas e exclusão de negros e negras.

Reconhecer e refletir sobre o Brasil pelas perspectivas dos debates raciais não é apenas um movimento para cumprir uma demanda específica das estruturas de poder e de legitimação do saber hegemônico sem buscar uma mudança real, é antes de tudo um resgate ancestral, ou seja, um compromisso com todas as pessoas que foram silenciadas, especialmente as pessoas negras. É também um movimento ético de reconhecimento de análises do Brasil que partem de experiências não brancas.

Para eu estar hoje escrevendo sobre homens negros brasileiros que inventaram e reinventam suas próprias narrativas longe de simplificações, superficialidades e racismo, pessoas antes de mim deram os primeiros passos na universidade e fora dela; pessoas como Abdias Nascimento (1914-2011), Beatriz Nascimento (1942-1995), Lélia Gonzalez (1935-1994), Guerreiro Ramos (1915-1982), Neusa Santos Souza (1948-2008), Makota Valdina (1943-2019), Luiza Bairos (1953-2016), Sueli Carneiro (1950) assim como tantas outras mais, que abriram os caminhos para gerações seguintes no campo da pesquisa acadêmica não racista e fundamentada nas experiências das populações negras.

Na análise sobre masculinidades negras de acordo com as experiências de Henrique, é importante compreender o espaço geopolítico que o sujeito habita. Em suas pesquisas, ao desenvolver o conceito de quilombismo, Abdias Nascimento, que chegou a ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz 2010, analisa as particularidades do racismo à brasileira. Segundo esse autor.

Um racismo de tipo muito especial, exclusiva criação luso-brasileira: difuso, evasivo, camuflado, assimétrico, mascarado, porém tão implacável e persistente que está liquidando os homens e mulheres de ascendência africana que conseguiram sobreviver ao massacre praticado no Brasil. Com efeito, essa destruição coletiva tem conseguido se ocultar da observação mundial pelo disfarce de uma ideologia de utopia racial denominada “democracia racial”, cuja técnica e estratégia tem conseguido, em parte, confundir o povo afro-brasileiro, dopando-o, entorpecendo-o interiormente; tal ideologia resulta para o negro num estado de frustração, pois que lhe barra qualquer possibilidade de autoafirmação com integridade, identidade e orgulho (NASCIMENTO, 2019, p.35).

Abdias Nascimento chegou a descrever o racismo à brasileira como “uma teia emaranhada de sutilezas domesticadoras” (NASCIMENTO, 2019, p 112) o que nos auxilia a compreender como é fácil reproduzir narrativas racistas no Brasil, já que elas são constantemente produzidas e recontadas com a maior naturalização para manutenção dos privilégios das populações brancas.

As novas gerações de intelectuais, ativistas e artistas negros dão continuidade na tradição da luta contra o racismo, isso não deixa os saberes produzidos pelas (os) mais velhas (os) serem esquecidos, mas também constroem críticas e reflexões para as manobras atuais do racismo. Acerca dessa questão Silvio Almeida muito contribui com os debates com sua obra “Racismo Estrutural”, publicado em 2019 pela Coleção Feminismos Plurais. Nessa obra ele nos dá bases para entender as maneiras com que o racismo age no Brasil.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p 50).

Contudo qual será a intenção final do projeto colonial racista de poder que está em atuação no Brasil? Branquear, provavelmente nos diria Lélia Gonzalez. Com seus estudos sobre relações raciais no Brasil, essa pesquisadora desenvolveu a categoria Amefricanidade, o que corresponde a influência das culturas africanas desenvolvidas pelas populações negras na América Latina, ou como ela intitula, América Ladina. Em seus estudos, Lélia Gonzalez percebeu como o racismo à brasileira apaga a contribuição e subjetividades das populações negras e

originárias.

O racismo latino-americano é suficiente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no anterior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilização, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, como simultânea negação da própria raça, da própria cultura (GONZALEZ, 1988, p 73).

A internalização das políticas de branqueamento pelas populações negras, afeta principalmente quando o assunto é a taxa de natalidade de pessoas negras. “O parceiro branco é transformado em instrumento tático, numa luta cuja estratégia é cumprir os ditames super egóicos, calcados nos valores hegemônicos da ideologia dominante” (SOUZA, 2021, p 76-77).

Em um espaço onde a política de branqueamento é ativa o homem negro, considerado por Henrique Hestier (2019) um agente enegrecedor da nação, deve desaparecer para dar espaço ao agente branqueador, o homem branco.

O relacionamento do homem negro com a mulher negra geraria crianças negras, com a mulher branca, crianças mestiças. Se, no imaginário social da ideologia da mestiçagem, a mulher branca é para manutenção da brancura e a mulher negra e/ou mestiça é para embranquecimento, qual seria o lugar do homem negro? (HESTIER, 2019, p 39).

O plano de embranquecimento da nação brasileira passa então diretamente pelo genocídio da população negra masculina, seu esfarelamento emocional, afetivo, psicológico e espiritual.

## **5 O QUE SÃO MASCULINIDADES NEGRAS ?**

O termo masculinidades negras é escrito no plural, porque mesmo homens negros fazendo parte de uma coletividade, esse grupo é formado por experiências múltiplas, quantas combinações possíveis for de outros marcadores de identidade que atravessam raça-gênero. Existem homens negros cisgênero, transgêneros,

gays, bissexuais, héteros, assexuais, gordos, magros, musculosos, albinos, com deficiência, sem deficiência, favelados, da Zona Rural, Condomínio etc.

Mesmo com essa pluralidade de experiências negras masculinas, como são atravessados e formados primeiramente pelo marcador raça, todos constituem modelos distintos de masculinidades não hegemônicas, que só pioram pelo atravessamento de outros marcadores de identidade não hegemônica. “Quanto mais marcas fora do padrão uma pessoa possui, mais violências ela sofre, e quem gera e perpetua essa violência é o padrão” (VEIGA, 2019, p 78) Esse padrão de masculinidade é branco cisgênero heterossexual rico cristão.

O estabelecimento de um determinado modo de ser no mundo forja-se a partir da negação de outros modos de ser, que não pode se dar senão por um processo de violência. Vivemos numa sociedade constituída e constitutiva pela e a violência. A norma homem-branco-héteros exerce sobre as demais subjetividades um efeito colonizador e extrativista. Colonizador no sentido de impor-se violentamente sobre o outro por considerá-lo menor. Extrativista o sentido de sugar a energia vital de quem está fora da norma por meio de violentos processos de submissão. (VEIGA, 2019, p 77)

Os escritos da psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza contribuem para o debate acerca da multiplicidade de homens negros quando ela escreve que:

Tendo que se livrar da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submissa, e não possuindo uma concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social (SOUZA, 2021, p 47)

A tentativa de enquadrar-se na masculinidade hegemônica é uma forma de “tornar-se gente” (SOUZA, 2021, p 50) para homens negros já que segundo Rolf “a masculinidade é uma experiência coletiva onde um homem busca inserções através de práticas com as quais irá garantir para si visibilidade e status social” (SOUZA, 2009, p 98). Mas os homens negros conseguem serem “homens de verdade”? A resposta é simples, Não! Mas eles podem negociar migalhas com o patriarcado.

No processo de desenvolvimento dos garotos negros está colocada, desde sempre, a possibilidade de afirmação e proteção de si pela via da submissão ao modo de vida do sequestrador, no caso, do homem-branco-heterossexual. A masculinidade ocidental que

sustenta a lógica violenta do patriarcado é branca. Como não é possível a um homem negro deixar de ser negro, ele negocia a auto preservação e o amor do sequestrador incorporando seus códigos morais e comportamentais, transformando-se num macho-beta; posto que numa sociedade em que se defende, inúmeras formas, a supremacia branca, o papel de macho-alfa pertence somente aos homens-brancos-heterossexuais que fundam e refundam ad infinitum esse sistema (VEIGA 2019, p 82).

Quem foi que colocou na cabeça da população negra que a masculinidade hegemônica é um exemplo a ser seguido e reproduzido? Os próprios colonizadores. Colonizadores agiram para o apagamento de saberes ancestrais de organização social de povos colonizados, fundando raça e gênero em locais que não existiam antes. Fazendo com que africanos (as) vivessem cercados (as) por padrões culturais impostos não baseados nas suas próprias culturas, e só servissem para manutenção do domínio colonial. (OYĚWÙMÍ, 2021).

Quando em uma entrevista de emprego aos dezenove anos, a primeira coisa que Henrique escuta do entrevistador Bruno Fragoso é: “não gosto de negros” (TENÓRIO, 2020, p 20).

É perceptível o acerto de Fanon ao escrever: “o negro não é um homem” (FANON, 2020, 22) Pois, por mais que Henrique também viva uma realidade masculina, para o entrevistador quem está em sua frente não é um “homem de verdade”, quem está na sua frente é um negro. Mas o que é um negro?

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da natureza negra enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações (SOUZA, 2021, p 57).

A entrevista continuou com reproduções de um imaginário racista das experiências de um homem negro no Brasil.

Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também disse que ia te salvar das armas e da violência (TENÓRIO, 2020, p 21).

Esse episódio faz recordar outro escrito de Fanon: “De um homem se exigia

uma conduta de homem. De mim, uma conduta de homem negro [noir] - ou, se tanto, conduta de negro [nègre]." (FANON, P 130, 2021).

A vida de todos/as os/as brasileiros/as é transpassada diretamente pela sua identidade racial, para pessoas brancas isso significa privilégio, acharem-se neutras no campo das racialidades, mas já para os grupos considerados "de cor" como as populações negras, isso implica racismo.

E, quando você foi apresentado à família de Juliana, quando naquele almoço de domingo o tio dela de cinquenta e quatro anos, o Sinval um motorista de Kombi esolar, te chamou de negão, você não se importou. Não se importou porque aquilo significava algum tipo de intimidade, e você, enfim, estava sendo aceito pela família branca da sua namorada. Acontece que, em pouco tempo, você passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. Você não corre? Que os negros são ruins como nadadores, já viu aguem negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre? (TENÓRIO, 2020, p 29).

O uso e frequência da palavra "deviam" é algo interessante para refletir. É como se pessoas negras devessem, tivessem obrigação, de cumprir com as narrativas inferiorizadas produzidas pela branquitude, a perigo de demolir as construções imaginárias e ilusórias da realidade desses indivíduos.

"Nenhuma chance me é concedida. Sou sobre determinado a partir do exterior. Não sou escravo da "ideia" que os outros fazem de mim, mas da minha aparência" (FANON, 131, 2021). Fanon ao escrever isso reflete que Judeus só são perseguidos no momento que são identificados, já que tem poucas características que o diferenciam. Mas as populações negras não têm a possibilidade de se esconder. O racismo acha facilmente um para-raios no portador da pele escura somado com determinados traços físicos.

Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: e então, como ele É? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele? (TENÓRIO, 2020, p 29-30)

A coletividade de homens negro é compreendida como hiperssexuais, ou seja, como já citado anteriormente, como corpo-sexo. As amigas de Juliana só levantam questionamentos relacionados a sexo, por que a imagem do romantismo não está para esses indivíduos, apenas a imagem do prazer sexual. Homens negros no imaginário racista são sinônimos apenas do sexo, em sua grande maioria violento.

E não demorou muito para que aquela história de raça fosse para a cama junto com vocês. Pois a diferença de cor que antes era algo bonito, delicado e político, agora passou a excitá-los. Um conjunto de discursos raciais foi rapidamente transformando em erotismo. *Vem, minha branquinha. Vem, meu negão. Chupa a tua branquinha. Chupa o teu nego. Adoro a tua pele branquinha. Adoro a tua pele, meu nego. Adoro tua boceta branca. Adoro teu pau preto.* E de repente vocês gozavam. E dali para frente será sempre assim que irão gozar. Então, sorratamente a raça ocupou um espaço em suas vidas e vocês nem perceberam. Não havia mais volta. O amor estava condicionado e mediado pela raça. O afeto e o desejo, dependentes de mais ou menos melanina (TENÓRIO, 2020, p 30-31)

Essa parte especificamente reflete como no Brasil as tensões raciais estão presentes em todos os aspectos sociais, afinal o racismo é estrutural como o próprio Silvio Almeida explica. Para pessoas negras no Brasil não sobra espaço para o avesso da pele. “Quando me amam, dizem que é a despeito da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é por causa da minha cor... Por um lado ou por outro, sou prisioneiro do círculo vicioso.” (FANON, 131-132, 2021).

Certa vez, Bruno Fragoso te deu um terno que ele não usava mais. Foi a primeira vez que você usou um terno na vida, e um dia, quando estava entrando no banco, você foi chamado de doutor por uma atendente. Aquilo te fez pensar na sua aparência, nas suas roupas, nos seus sapatos, no seu cabelo. Como num estalo, percebeu que o modo como se vestia poderia ser motivo de haver recebido tantas abordagens policiais durante a vida. Assim, pelos próximos meses você cuidará da aparência, manterá o cabelo sempre bem aparado e curto, as roupas bem alinhadas e passadas. Além disso, você começaria a frequentar ambientes aonde nem imaginava que poderia ir, ambientes onde pessoas brancas eram a maioria, ambientes aonde os advogados costumavam ir (TENÓRIO, 2020, p 151).

Essa legítima estratégia de sobrevivência de se “vestir bem”, ou seja, não se vestir de acordo com o imaginário de como pessoas negras se vestem, é ensinada desde cedo pelas famílias a crianças negras, mas assim como na realidade isso nem sempre dá certo, para Henrique também não deu. Em um país racista como o

Brasil, no final das contas não importa se você está “bem vestido” ou “mal vestido”, se tem cabelo crespo, com cachos perfeitos ou lisos, tem tatuagens ou não, graduado, com mestrado e doutorado, o racismo atravessa pessoas negras de diferentes formas, de acordo com o espaço social que ela está.

É isso que faz, por exemplo, policiais negros mesmo estando em menor número comparado a pessoas brancas dentro de a instituição policial ser os que mais são vítimas de homicídios. Segundo uma matéria do UOL (2021) “Os brancos-que são 56,8% do efetivo das polícias — foram vítimas de 34,5% dos homicídios. Já os negros são 42% do contingente de policiais, mas sofrem 62,7% de todos os assassinatos”.

Mesmo a instituição policial operando como um dos principais mecanismos para o genocídio das populações negras brasileiras, pessoas negras da própria instituição sofrem com os planos de extermínio das populações negras. Por mais que a farda policial represente o poder branco do estado, nem isso protege as pessoas negras.

## **6 PELO FIM DO PACTO COM O PATRIARCADO**

Quem se beneficia no final das contas com o fato de homens negros serem apresentados desde cedo ao modelo hegemônico de masculinidade como norma? Segundo bell hooks, o próprio patriarcado. “Como suas representações de masculinidade negra estão em total concordância com a avaliação da cultura branca: eles não ameaçam ou desafiam a dominação branca, eles a reforçam” (HOOKS, 2019, p160).

Por isso é necessário que homens negros reflitam sobre suas próprias vivências, e como a masculinidade hegemônica não contribui sadiamente para sua vida e de seu grupo racial. Escutar pessoas negras de diferentes identidades de gênero e sexualidade é um caminho possível para construção de masculinidades que vivem de maneira saudável consigo e com os outros.

O foco do debate é a libertação de homens negros de uma lógica colonial, porém isso não beneficia apenas esse grupo específico, mas todas as pessoas em volta desses indivíduos, especialmente pessoas negras.

Ao ler a frase: “O que não podemos imaginar não pode vir a ser” do livro “Tudo sobre o amor” de bell hooks, reflito como o processo de colonização afeta

também a imaginação das pessoas, impedindo que imaginem formas eficazes de organização social que não seja a que já estão vivendo.

Se os homens negros deixassem de adotar a masculinidade falocêntrica, seriam empoderados para explorar seu medo e ódio de outros homens, aprendendo novas formas de se relacionar. Quantos homens negros terão que morrer antes que o povo negro esteja disposto a examinar a ligação entre a situação terrível dos homens negros e sua aliança contínua com o patriarcado e o falocentrismo? A maioria das pessoas negras reconhece que os homens negros estão em crise e sofrem (HOOKS, 2019, p178-179).

Os relatos de Pedro sobre a vida de seu pai, Henrique, que Tenório cria em sua obra, são baseadas em experiências não excepcionais de homens negros no Brasil. Facilmente homens negros que leem *O Averso da Pele* podem identificar alguma situação que já vivenciou. O autor não nos mostra um tipo de masculinidade ultrarrevolucionária, abre as portas de um debate sobre vivências comuns de homens negros, de dentro para fora. Do avesso.

*Você sempre dizia os negros tinham que lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos.* (TENÓRIO, 2020, p 61).

É necessário que pessoas negras rompam com os modelos europeus colonialistas de ser e estar no mundo de maneira coletiva, e esse espaço do avesso, dos afetos, sejam o local possível de potência de criação a partir de suas próprias experiências. Tirar os olhos da Europa como modelo, e buscar nas próprias culturas africanas bases éticas de organizações sociais saudáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira produzida por pessoas negras alinhadas com seus próprios valores culturais é de grande auxílio na análise e compreensão de suas realidades, pois a escrita não recorre a neutralidade eurocêntrica, trata-se de uma produção com posicionamento político.

Desta feita, homens negros ao produzirem narrativas longe dos tramites colonialistas sobre suas histórias em um país racista e eurocêntrico, contribuem para o debate que vem crescendo no Brasil, qual seja, o das masculinidades negras. Assim constroem narrativas complexas, plurais e libertárias que estão demolindo representações infelizes que mantêm o privilégio branco e reforçam a inferioridade negra.

Nesse sentido, Jeferson Tenório merece o reconhecimento por sua contribuição para a libertação mental, cultural, epistêmica etc das populações negras, assim como a denúncia sobre o racismo brasileiro, a partir de seu lugar de fala direcionada para todas as pessoas que o lerem. Esse autor consegue algo grandioso, ou seja, desabrochar algo tão fechado, o interior de homens negros. Na trama tecida Pedro não apenas (re) formula as histórias de seu pai projeta necessidades de uma demanda emocional, e contribui para uma ancestralização do pai, uma não maculação da memória do seu pai.

Isso Jeferson Tenório também faz com os homens negros, à medida que elabora suas ideias em narrativas, impede violações contra indivíduos negros masculinos, uma vez que corpos negros não são sagrados para colonialistas, mas no texto de Jeferson Tenório isso não se cria.

Homens negros têm emoções, que precisam ser mais bem vivenciadas de maneira saudável para si próprio assim como para os (as) seus (suas) que estão a sua volta. Homens negros podem sim ser bons pais, podem sim ser intelectuais, bonitos e espirituosos ao mesmo tempo, podem sim amar e serem amados, devem sim viver plenamente. Para essas e inúmeras outras reflexões sobre homens negros e suas vivências na diáspora brasileira, tem-se uma ancestralidade analítica antirracista potente, protegida pelos Orixás, Vodun, Nkisi assim como todos (as) Encantados (as) que não se deve cansar de visitar para que se (re) produza uma sociedade saudável equilibrada e ancestral.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Policiais Negros são os que mais morrem, mesmo sendo minoria no efetivo. In. **18 Horas Jornal Eletrônico**. Disponível em <https://18horas.com.br/brasil/policiais-negros-sao-os-que-mais-morrem-mesmo-fora-do-trabalho-e-sendo-minoria-no-efetivo/>. Acessado em 15 de Julho de 2022.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro. 2010.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paul: Ubu Editora, 2020. 320 pp.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro : Marco Zero. 1982.

GREGORIO, Rafael. Homens, negros e jovens são os que mais morrem e os que mais matam. In. Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://temas.folha.uol.com.br/e-agora-brasil-seguranca-publica/policia/faltam-meios-cientificos-e-integracao-sobra-violencia.shtml>. Acessado em 15 de Julho de 2022.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. - São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

IPEAFRO. Padê de Exu Libertador. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/>. Acessado em 12 de julho de 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documento de uma militância pan-africanista São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Equidade Etnicorracial nos Territórios/Ano 2017. Disponível em [https://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p\\_secao=689#:~:text=Equidade%20%C3%89tnico%20Racial%20nos%20Territ%C3%B3rios%20%2F%20Ano%202017&text=Segundo%20dados%20de%20autodeclara%C3%A7%C3%A3o%20do%3E](https://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_secao=689#:~:text=Equidade%20%C3%89tnico%20Racial%20nos%20Territ%C3%B3rios%20%2F%20Ano%202017&text=Segundo%20dados%20de%20autodeclara%C3%A7%C3%A3o%20do%3E). Acessado em 12 de Julho de 2022.

- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ROSA, Diego/Manolo/ ASSIS, Júlio Beto, NEGA/PISO, Leo do e VELLOSO, J. Empretecer o Pensamento É Ouvir a Voz da Beija-Flor. In. **Galerias – G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis –RJ**. Disponível <https://www.letras.mus.br/beija-flor-rj/samba-enredo-2022-empretecer-o-pensamento-e-ouvir-a-voz-da-beija-flor/>. Acessado em 12 de Julho de 2022.
- SOUZA, Rolf Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. In. **Revista Fórum Identidades**, 2009.
- SOUZA, Restier Henrique e SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. 232p.
- SOUZA, Florentina da Silva. **Afrodescendencia em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da Pele**. São Paulo: Companhia Brasileira das Letras, 2020.